



E SE NARCISO CONHECESSE ALICE? DIÁLOGOS POSSÍVEIS E NECESSÁRIOS À INTEGRAÇÃO CURRICULAR

Ormezinda Maria Ribeiro; Maria de Lourdes Ribeiro

Universidade de Brasília- UnB- aya.ribeiro@yahoo.com.br; lurdinharibeiro@gmail.com

Resumo: Tradicionalmente, os currículos são pensados de forma isolada em seus cursos e departamentos sem que se leve em conta a contribuição de áreas importantes e específicas para a formação do professor que trabalhará com a alfabetização e o letramento. Ao Curso de Pedagogia compete a realização de pesquisas e o desenvolvimento de trabalhos no campo do estágio supervisionado que apliquem os conhecimentos pedagógicos que aliem a teoria à prática no campo do letramento. Ao Curso de Letras, o desenvolvimento de teorias linguísticas que subsidiem o professor para que esteja apto a aliar os conhecimentos linguísticos às competências pedagógicas no trabalho com o letramento. Contudo, observa-se, na operacionalização desse trabalho, as marcas da fragmentação dados os distanciamentos entre a concepção do desenho curricular de ambos os cursos e a divisão de tarefas entre unidades ou áreas do conhecimento. Diante dessa constatação, apresentamos um trabalho na perspectiva de integração curricular nos estágios supervisionados no esforço de um diálogo interdisciplinar entre esses cursos. Trata-se de uma iniciativa de estreitamento de relações entre esses cursos, partindo de um diálogo experimental entre uma técnica em assuntos educacionais e uma professora de estágio supervisionado, na busca de um ponto de convergência entre os objetivos dos cursos de Letras e de Pedagogia em relação às interações possíveis para a implementação de um currículo que não fragmente as ações docentes. As discussões sobre as fragilidades e as lacunas da formação serão sistematizadas e abordadas em outra etapa, na proposta de reforma curricular desses cursos, em seus respectivos espaços.

Palavras-chave: Desenho curricular; Integração; Estágios Supervisionados

Para início de conversa...

Tradicionalmente, na Universidade, os currículos de Letras e de Pedagogia têm sido pensados de forma isolada em seus cursos e respectivos departamentos sem que se leve em conta a contribuição de áreas importantes e específicas para a formação do professor que trabalhará com a alfabetização e o letramento. Ao Curso de Pedagogia compete a realização de pesquisas e o desenvolvimento de trabalhos no campo do estágio supervisionado que apliquem os conhecimentos pedagógicos de modo a aliar a teoria à prática no campo do letramento. Ao Curso de Letras cabem a pesquisa e a análise de teorias linguísticas que subsidiem o professor a fim de esteja apto, no exercício da docência, a aliar os conhecimentos linguísticos às competências pedagógicas no trabalho com o letramento.



Por outro lado, a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, que Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, em seu Art. 5º, incisos VI e VII, assegura que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

VI ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;

VII relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos

Contudo, ainda se observa, na operacionalização desse trabalho, as marcas da fragmentação, dados os distanciamentos entre a concepção do desenho curricular de ambos os cursos e a divisão de tarefas entre unidades ou áreas do conhecimento. Diante dessa constatação, entendemos a premência de um esforço de trabalho conjunto na perspectiva de integração curricular no campo do Estágio Supervisionado com vistas a suscitar um diálogo interdisciplinar entre esses dois cursos, na perspectiva da formação de professores preparados para o trabalho com o letramento em suas diversas fases.

Essa possibilidade pode ser vislumbrada no Art. 6º da Resolução que trata da constituição e estrutura do curso de Pedagogia, quando em seu inciso III, alínea b, prevê a implantação de um núcleo de estudos integradores que proporcionará enriquecimento curricular e compreende a participação em “atividades práticas, de modo a propiciar vivências, nas mais diferentes áreas do campo educacional, assegurando aprofundamentos e diversificação de estudos, experiências e utilização de recursos pedagógicos”.

Assim, entrevedo um estreitamento de relações entre os cursos na Universidade de Brasília- UnB, partimos de um diálogo experimental entre uma técnica em assuntos educacionais e uma professora de estágio supervisionado, na busca de um ponto de convergência entre os objetivos dos cursos de Letras e de Pedagogia em relação às interações possíveis para a implementação de um desenho curricular para ambos os cursos que não fragmente as ações docentes.

Do diálogo sobre as perspectivas e potencialidades das práticas comuns entre os cursos, surgiu a ideia de um projeto interativo, de modo que as pesquisas linguísticas dos alunos de Letras sejam integradas às práticas pedagógicas destacadas pelos alunos de Pedagogia em um projeto de aplicação nos estágios supervisionados de ambos os cursos e socializados em seminários integrados a fim de que as experiências particulares e de um curso possam suscitar reflexões e mudanças curriculares que alterem a prática docente.



Assim, com vistas a subsidiar as discussões e possíveis alterações na configuração curricular dos cursos em pauta, durante a prática de estágio dos alunos de Letras questões relativas ao letramento são debatidas e levadas a campo. Abordaremos aqui, para fins de reflexão, que esperamos ser estendidas como diálogo contínuo às várias agências de letramento, apenas os pontos de discussão que tematizam os seminários e as proposições de atividades para aplicação nos estágios supervisionados aplicados em forma de projetos e cursos de extensão nas escolas de educação básica do Distrito Federal.

As discussões sobre as fragilidades e as lacunas da formação estão sendo sistematizadas e serão abordadas em outra etapa, na proposta de reforma curricular desses cursos, em seus respectivos espaços.

E se Narciso conhecesse Alice...

Na tentativa de traçarmos um caminho possível para o diálogo e a consequente construção de um desenho curricular para os cursos de Letras e de Pedagogia que venha a aliar harmoniosamente os pilares desses cursos a fim de contribuir para que a teoria se integre à prática e produza, a partir de uma aprendizagem vivida e significativa, o verdadeiro protagonismo docente do licenciando, trazemos, nos seminários preparatórios para os estágios, a figura mitológica de Narciso e a personagem Alice, do país das Maravilhas e dos Espelhos, para, numa alegoria metafórica, tecer algumas considerações a respeito dos rumos da educação e de como educadores podem traçar seus caminhos na e pela educação.

Como Narciso, enfrentamos um dilema: na educação somos espelhos e espelhamos. Narciso encanta-se com o homem idealizado que tendo capturado a imagem ideal não quis perdê-la e, por se fixar na imagem, recusa o apelo de outras visões, tal qual o homem escravo da caverna. O que vê, como no mito platônico, basta-lhe, captura-lhe a vista e o entendimento, afirma Ribeiro (2013, p.60), considerando as reflexões de Schuler (1994).

Assim como Narciso, olhamos fixamente para uma realidade refletida pelas nossas próprias ideologias e nos debruçamos diante daquilo que acreditamos ser a imagem da verdade. Nesse reflexo, criado pelas nossas lentes, produzimos nossas leituras e com elas desenhamos o que acreditamos ser o modelo ideal em educação. Diante dessa imagem emudecemos e na sua contemplação deixamos de vislumbrar outros espaços, outras perspectivas. Por outro lado, trazemos também a perspectiva de Alice, quando nos propomos a assumir as nossas limitações, incertezas e temores diante do novo.



A linguagem de Alice é a do questionamento, o da não aceitação do pronto, do já estabelecido. É, sem pretensão de ser, uma atitude filosófica. Alice indaga, questiona. Não aceita o imposto, o suposto, ou o pressuposto. Alice atravessa o espelho e se depara com as suas fantasias, com as metáforas explícitas, com a realidade por detrás do espelho. Alice não sabe aonde ir, mas não quer continuar onde está. Então, procura um caminho. Sabe que a direção a seguir implica escolhas e admite que não tem preferência quanto ao lugar para onde vai. Mas tem certeza de que não quer ficar onde está. É essa certeza que lhe garante a saída, diferentemente de Narciso que mergulha em sua própria imagem ao se encantar com aquilo que vê (RIBEIRO, 2013, p. 61-62).

No campo da educação, às voltas com a necessidade de colocarmos no papel as competências, conhecimentos, habilidades e atitudes com vistas aos papéis que devem ser exercidos pelos licenciandos que irão efetivamente vivenciar o currículo no campo de estágio e ao longo da carreira docente, pensamos que a figura de Alice deve representar metaforicamente o diálogo sempre necessário entre as teorias, práticas e saberes pessoais e profissionais que permeiam a elaboração de um currículo.

Alice figurativa a pergunta, a busca por caminhos desconhecidos, a não aceitação de verdades pré-estabelecidas e, sobretudo, a adaptação sempre necessária a espaços e conteúdos diversos. Alice não se conforma com as respostas prontas, com caminhos seguros, com as grades que cercam o conhecimento. Alice pergunta, encolhe e estica na medida da necessidade e do confronto com a realidade que se apresenta de várias maneiras. É na figura de uma Alice que, ao contrário de Narciso, não se deixa prender na imagem que faz de si e do que conhece é que entendemos que deve ser o desenho de um currículo. Narciso não dialoga, não constrói hipóteses, não procura caminhos. Ao se encantar com o que vê, mergulha na imagem que faz do que conhece. Assim, representa o currículo fechado em grade e em teorias que não permitem a integração e o diálogo sempre necessário.

Ao pensarmos um currículo, devemos, como Alice, numa atitude investigativa, atravessar o espelho que reflete nossa imagem, e permitir que nossa narcísica vontade ultrapasse nosso reflexo e seja questionada, com a mesma singularidade. Daí a consciência da necessidade de que os educadores mergulhem cada vez mais no desafio de buscar pensamentos, pesquisas e teorias mais e mais interdisciplinares, conforme assevera Brandão (2002) quando pondera que

[...] o caminho a percorrer para buscar compreensões passa pela integração e o equilíbrio sempre necessário, sempre instável, entre campos e domínios diversos de conhecimentos científicos. Passa pela interação entre convergências de ciências e outras esferas de saber, sentir e pensar: a filosofia, a espiritualidade, a arte ... a imaginação humana em todos os seus campos, em todas as suas dimensões e em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

todas as suas possibilidades de criação. E passa pela abertura corajosa à indeterminação, à procura incessante de algo sempre nunca inteiramente explicável, porque nunca mecânico e, assim, nunca inteiramente redutível a fórmulas, a números ou a leis.

Nessa perspectiva, a escolha a ser feita no momento de se estabelecer um currículo para os cursos de Licenciatura deveria levar em conta o diálogo entre cursos que trabalham com a perspectiva do letramento. A partir daí, a formação inicial para a docência deve desenhar o caminho possível para que a escola possa devolver ao todo da pessoa a dimensão parcial da função profissional. Deve permitir que as identidades pessoais e profissionais de seus atores culturais, na escola e ao redor da escola, considerados desde o ponto de vista da integridade de suas existências, dentro e fora do exercício de uma função pedagógica do eixo ensinar-e-aprender, sejam profundamente percebidas.

O diálogo na perspectiva de integração curricular convergente

Ao elaborar um currículo para os Curso de Licenciatura é necessário partir do perfil do educador que se pretende formar. Se tratamos do futuro professor que iniciará o processo de alfabetização e corroborará para a construção de letramentos ao longo da vida acadêmica e pessoal do educando, então não podemos perder de vista que esse profissional deverá atuar na área de linguagens, com competências para entender a linguagem como uma das dimensões de nossa existência humana, como forma de interação e de ação no mundo em que se vive, para ler o mundo com consciência crítica e reflexiva sobre os diversos discursos culturalmente produzidos, e para atuar nos diferentes contextos educacionais, com o compromisso de promover o educando em todas as suas dimensões, tendo sempre em mente a perspectiva dos múltiplos letramentos.

Nessa esteira, o desenho curricular deverá estabelecer as bases para que os cursos de licenciatura se apoiem em uma concepção de educação por meio da qual se estabeleçam os alicerces do conhecimento que fundamenta a transformação sociocultural dos grupos humanos. Para tal, será preciso levar em conta o legado histórico da humanidade, constituído pelos diversos contextos culturais que formam e que formaram as comunidades, com suas diferenças e singularidades a partir das experiências individuais transformadas em conhecimento e transmitidas de geração a geração pela escola e por outras instituições, não menos legítimas.

A educação comporta de forma intrínseca dois pilares, nos quais se apoiam o processo de conquista de novos conhecimentos: a linguagem e a história. E nesta conquista validamos as diferentes formas para a construção de novas relações entre as pessoas e os conhecimentos, cuja transmissão não seria possível sem o pilar da linguagem. Assim, não há como conceber o



conhecimento desvinculado de um contexto sócio histórico e cultural, que se programa dentro de uma dimensão linguística, que mais do que qualquer outra nos caracteriza como humanos.

Nesse sentido, os educadores envolvidos na elaboração de um currículo para as licenciaturas devem se pautar em uma perspectiva multiculturalista e em uma concepção discursiva e interacional da linguagem, para, assim, compreendendo a educação como um processo contínuo, estabelecer o desenho curricular que permita a formação de professores com competência para atuar de forma a desenvolver a capacidade de análise, criatividade, senso crítico, estético, expressivo e reflexivo acerca das linguagens e suas tecnologias.

Esse currículo deve ter como potencial o perfil de um professor em constante formação, movendo-se na direção de desenvolver a capacidade para participar reflexivamente, por meio de um domínio crescente de conteúdos linguísticos e das práticas educativas destinadas ao desenvolvimento humano, com competência para:

- compreender como as políticas educacionais se inserem no macro e no microcosmos da educação e, assim, fazer a leitura da escola “por fora”, a partir das concepções de homem e de mundo e dos diferentes discursos pedagógicos que permeiam o universo escolar em todos os seus âmbitos;
- atuar de forma pró ativa e colaborativa na participação de projetos que busquem a interação escola-comunidade, a partir de um diagnóstico desta relação;
- entender como os aspectos sócio econômicos, políticos, filosóficos e pedagógicos podem refletir na organização escolar e nessa compreensão fazer a leitura da escola por dentro, de forma a fazer escolhas pedagógicas, considerando os ciclos de desenvolvimento e a diversidade humana, de acordo com princípios políticos, éticos, estéticos e baseadas em pressupostos epistemológicos coerentes.

Diálogos possíveis: à guisa de conclusão...

Com as crescentes mudanças ocorridas no contexto social e escolar, conseqüentemente, o perfil do corpo docente tem sofrido mudanças significativas. Assim, se a escola não acompanhar essas mudanças não será capaz de oferecer um ensino de qualidade e que respeite o potencial de seus estudantes. Por essa razão, é imperioso o desenvolvimento de projetos de intervenção com o objetivo de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem e, sobretudo, é premente a necessidade da promoção do diálogo entre as agências de letramento e a Universidade e isso se dará por meio da construção de projetos inicialmente entre os próprios da Universidade e depois com as escolas de educação básica, campos de estágios.



Contudo, implementar esses projetos não depende somente da aplicação dos conhecimentos adquiridos na universidade, mas também das experiências vivenciadas durante a prática. Nesse sentido, entendemos que o Estágio Supervisionado não pode se limitar a ser apenas um componente curricular obrigatório, definido pela LDB – Lei de diretrizes e bases da Educação nacional nº 9.394/96 nos cursos de formação de professores, mas deve extrapolar essa exigência para oferecer ao professor em formação a oportunidade de integrar teoria e prática e propiciar aos licenciandos um aprendizado efetivo.

Entendendo que os cursos de formação de professores devem relacionar teoria e prática de forma interdisciplinar, depreende-se que os componentes curriculares não podem ser isolados, por isso, o Estágio Supervisionado deve articular o conhecimento construído durante a vida acadêmica preparando os discentes para aplicá-lo em sala de aula como profissionais.

Nesse sentido, é relevante a contribuição de Paulo Freire (2002, p. 29) quando destaca a necessidade de se respeitar o conhecimento dos estudantes e a importância da pesquisa no processo de ensino ao afirmar que “Não há pesquisa sem ensino, nem ensino sem pesquisa”.

Portanto o Estágio Supervisionado deve oferecer a oportunidade de se observar o contexto escolar e desenvolver pesquisas e projetos que visem a melhoria da qualidade da educação, conforme afirmam Pimenta e Lima (2004, p. 39):

(...) o projeto de pesquisa pode gerar produção de conhecimento sobre o real, responder às demandas da escola e, assim, elaborar propostas de intervenção entre escola e universidade, viabilizando relacionar teoria e prática e o conhecimento da realidade escolar.

A formação do professor é um processo que transpõe os limites das salas de aula das universidades e compreende não só arcabouço teórico adquirido durante a graduação, mas inclui todas as experiências e práticas vivenciadas pelo profissional durante a sua prática docente. Nesse prisma, o diálogo sempre necessário entre a teoria e a prática também pressupõe um diálogo entre pares e entre saberes formais e informais, pois tanto aprender a profissão docente quanto dar continuidade a ela configuram o cotidiano do professor. É na disposição para o diálogo que o profissional conseguirá fazer a ligação entre teoria e prática. Portanto, entendemos que esse diálogo deverá ser previsto no desenho curricular já na formação inicial e seguir ao longo da formação e da vida profissional dos professores.

Para fazer frente às constantes mudanças e à celeridade dos processos de aquisição de conhecimentos no mundo atual, o professor deverá se comportar como aquele profissional que nunca se forma, que está sempre em constante formação. Aquele que se refaz a cada dia, cujo acervo de experiência desloca-se para além do saber-fazer, sobretudo, para o constante refazer. Nessa perspectiva, o profissional da educação é, sobretudo, aquele que sabe pensar e refazer sua profissão e não aquele que apenas a executa.



Nesse sentido, ponderam Ribeiro et al. 2004:

O que são as experiências senão acervos de conhecimentos, que vão sendo guardados e constituem os saberes das pessoas? Cada indivíduo compõe o seu acervo conforme sua identidade tanto pessoal, quanto profissional. Os professores compõem seu acervo guardando conhecimentos da docência, do ser enquanto professor. São essas experiências que dão identidade a cada profissional, geram novos conhecimentos que possibilitam mudanças no fazer e no pensar do cotidiano da sala de aula. É a partir delas que se estabelece a possibilidade de pensar a educação pela própria atitude de refletir sobre a prática e experienciar novas ações.

Ora, esse profissional esperado para os dias atuais, face aos problemas encontrados nas escolas hoje, precisa estar preparado para desenvolver uma prática docente que possibilite ao alunado um desenvolvimento de habilidades para contribuir de forma efetiva na construção do conhecimento. Por isso, uma formação que ofereça subsídios ao licenciando nesse sentido é indispensável, e o Estágio Supervisionado se apresenta como uma oportunidade de crescimento profissional e pessoal, além de se constituir em um importante instrumento de integração entre escola, universidade e comunidade. E pressupõe, não a simples operacionalização, mas a necessária reflexão, mediada pelo diálogo constante entre seus atores.

Nesse caminho, entendemos reflexão identificando-nos com Pérez-Gomez (1985, 103), quando assegura que:

a reflexão implica a imersão consciente do homem no mundo da sua experiência, um mundo carregado de conotações, valores, intercâmbios simbólicos, correspondências afetivas, interesses sociais e cenários políticos. O conhecimento acadêmico, teórico, científico ou técnico, só pode ser considerado instrumento dos processos de reflexão se for integrado significativamente, não em parcelas isoladas da memória semântica, mas em esquemas de pensamento mais genéricos ativados pelo indivíduo quando interpreta a realidade concreta em que vive e quando organiza a sua própria experiência.

A ênfase nos diálogos entre as agências de letramento e os cursos de licenciatura é de fundamental relevância dado o momento em que estamos vivendo na educação básica, cujo desafio maior é o desafio da diversidade e da valorização do potencial criativo do corpo docente e discente, considerando a diversidade de saberes e a dinâmica atual da apropriação do conhecimento.

Ainda que tenha limitações, a educação básica, hoje, é muito mais inclusiva do que foi historicamente, portanto, a pedagogia na sala de aula e as metodologias de ensino terão que contemplar as diversidades e as múltiplas inteligências, caso contrário, continuaremos em crise. Se antes tínhamos uma escola que ensinava para a seleção, hoje temos uma escola que precisa ensinar para a vida e para a superação de desafios, com criatividade, criticidade e diálogo com toda a comunidade e seus atores. Temos, então, que propiciar, desde a formação inicial, esse diálogo permeado pela reflexão sobre a teoria e a prática docente em todos os âmbitos.

Assim, pensar o desenho curricular para os cursos de licenciatura implica imprimir como objetivo a reflexão permanente sobre o cotidiano da sala de aula, a partir do fazer pedagógico, destacando a importância de uma formação pautada na ênfase em um tratamento crítico de problemas, numa visão multi e interdisciplinar em que o trabalho pedagógico se alimente da contribuição dialética das múltiplas perspectivas em jogo.



Educar não é transmitir, nem tampouco repetir o já dito por outrem sem considerar o que se fala, com quem ou a quem se fala, e porque se fala. Porque somos seres ímpares, dotados de uma constituição única, como humanos devemos entender o processo de educação.

Nossa identidade é singular. O ser ontológico, com seus valores, com suas práticas e concepções deve ser considerado em todas as suas dimensões. E, para tal, um currículo de formação de professores deve se situar em um contexto que vislumbre a escola como um espaço de construção e de interação de práticas e saberes docentes, com vistas a uma educação integral, e que se constitua em um *locus* para se repensar e reestruturar a natureza da atividade docente, em que os professores sejam vistos como transformadores de suas próprias ações, numa constante busca dialógica e interativa entre os seres em educação.

Nessa concepção, o desenho curricular dos cursos de licenciatura deve ser a base crítico reflexiva de uma proposta político-pedagógica para a formação de professores, para que esses construam o seu espaço na interlocução sem estar prontos, mas fazendo-se e refazendo-se a cada experiência significativa, construindo sua identidade em um constante devir. O currículo fora da grade, deve ser, antes de tudo, o desenho de um espaço em construção.

À guisa de conclusão, dialogamos com Brandão (2002) que conclama educadoras e educadores a promoverem a “passagem do cotidiano da escola para a educação do cotidiano”. O que, segundo esse educador-antropólogo, significaria, em primeiro lugar, “o abrir as portas da escola e sair a buscar compreender os mundos circunvizinhos, antagônicos, próximos e remotos onde estão, onde vivem e convivem com suas culturas do cotidiano os próprios personagens da vida escolar”. (RIBEIRO, 2013).

Assim, defendemos que os currículos escolares devem sair de seu terreno cercado e abrir suas grades, permitindo o diálogo entre seus principais atores que não precisam ter receio de se recentrar, de perder seu lugar próprio e, nessa perspectiva, encontrar o caminho para uma educação pautada no protagonismo dos estudantes. É a essa coragem que nos impulsiona Alice, que, ao sair de seu cômodo lugar, encolheu-se, mas permitiu-se o diálogo com outros “seres”, arriscou novos caminhos, mesmo sem saber onde dariam. E, quando retornou, voltou ao seu tamanho, contudo, diferente. Singularmente diferente. Outra, porém, mais madura. (RIBEIRO, 2013).

É como Alice, ao mesmo tempo, no mesmo instante, em que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos que podemos dialogar com os saberes pessoais dos envolvidos com a educação, entrelaçando-os aos saberes profissionais, ou acadêmicos dos que vivem, são produzidos e (re)produzem educação e, assim, cruzar as linhas da educação formal e acadêmica com os fios dos saberes construídos no cotidiano das práticas educativas, desenhando um currículo que atenda aos anseios de uma sociedade em constante transformação.

Como Alice, numa atitude investigativa, permitindo que nossa narcísica vontade ultrapasse nosso reflexo e seja questionada, com a mesma singularidade, podemos finalmente entabular diálogos possíveis e necessários à integração curricular dos cursos de licenciaturas.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação como cultura*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Resolução CNE/CP 1/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PÉREZ-GOMEZ, Angel. “O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo”. In: NOVOA, A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995 p. 95-111.

PIMENTA, S. G. e LIMA, M. S. L.. *Estágio e Docência*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RIBEIRO, Ormezinda. M. ; et. al. Construindo caminhos e evitando atalhos: o percurso de construção da identidade de um centro de formação continuada de professores. In: XII *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino- Conhecimento local e conhecimento universal*, Curitiba-PR, 2004. p. 1023-1035.

_____. *Na teia de Penélope. Metáforas na educação*. Campinas: Pontes, 2013.

SCHULER, Donald. *Narciso errante*. Petrópolis: Vozes, 1994.